

ÁFRICA PARCEIRA DO BRASIL ATLÂNTICO - RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO BRASIL E DA ÁFRICA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

**SARAIVA, de José Flavio Sombra.
Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2012.**

Natalia N. Fingeremann¹

O século XXI é marcado pelo redescobrimto do continente africano. A atuação de potências emergentes, como China, Índia e Brasil, em muitos países da região chama a atenção das tradicionais potências do Ocidente, com o resurgimento da África na mídia internacional. A capa da revista *The Economist* em dezembro de 2011, nomeada “*Africa Rising*”, reflete a visão positiva em torno do continente africano, que mantém na média altos índices de crescimento do PIB, apesar da crise financeira de 2008.

A participação brasileira no continente também passa a ser comentada por jornalistas, acadêmicos, órgãos governamentais e organizações internacionais. O livro “África Parceira do Brasil Atlântico - Relações Internacionais do Brasil e da África no início do Século XXI”, escrito por José Flavio Sombra Saraiva, contextualiza muito bem a evolução das relações Brasil- África nesse século. Saraiva é professor titular do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB) e um dos maiores especialistas em estudos africanos no país, com diversos artigos científicos publicados sobre o tema e dois livros, “Formação

¹ Doutoranda em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), Mestre em Desenvolvimento Social pela University of Sussex e Bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordenadora e Professora do Bacharelado em Relações Internacionais no Centro Universitário SENAC. Pesquisadora do Centro de Microfinanças na FGV-SP.

da África Contemporânea” (1987) e “O Lugar da África: A Dimensão Atlântica da Política Exterior Brasileira” (1996), que continuam sendo referência para estudiosos das Relações Internacionais.

Essa mais recente publicação de Saraiva não deixa nada a desejar em relação às anteriores, o autor retoma a discussão sobre as relações Brasil-África e traz ao debate quais foram as principais motivações políticas que propiciaram um significativo crescimento no número de embaixadas em países africanos, a despeito das críticas feitas pelos meios de comunicação nacionais.

No capítulo I, IV e V, o autor traz à tona importantes dados históricos das relações Brasil- África, e no último, em específico, enfatiza que a nova inserção do Brasil na África no século XXI está aliada à emergência do discurso da “dívida histórica” com o continente, pronunciado pelo presidente Lula. Ao contrário do tradicional discurso “culturalista”, que escondia a escravidão e criava a ideia de um Brasil alegre e moleque, determinado a servir de “ponte” entre a Europa e África, o discurso da “dívida histórica” reconhece as mazelas da escravidão e estabelece um Brasil menos exótico e mais verdadeiramente africano (Saraiva 2012, p.111). Em outras palavras, pode-se dizer que a retórica da “dívida histórica” “reavive a chama de seu atlantismo em outras bases, mais modernas, mais cooperativas, mais alinhadas com o desenvolvimento comum das duas margens do Atlântico Sul” (Saraiva, 2012 p.16), e que estabelece os princípios da cooperação Sul-Sul preconizados pelo Brasil em seus projetos de cooperação técnica conforme bem relatado no capítulo IV.

A refinada análise histórica destinada a esses capítulos destaca as descontinuidades da política externa brasileira em relação ao continente africano, e o seu impacto na formulação de uma retórica coesa. Esquecida por nossas elites até a década de 1930, a África é somente lembrada na formação do Brasil quando há a publicação de “Casa-Grande&Senzala” por Gilberto Freyre (1933). Apesar de Freyre reconhecer a presença africana no país e seus escritos servirem de base para a formulação do discurso “culturalista”, o governo de Vargas e tampouco o subsequente de Juscelino Kubitschek viram a África como uma possível parceria. Aliás, para Kubitschek, a independência dos países da região na década de 50 e 60 era apontada mais como uma barreira ao crescimento do comércio brasileiro com as tradicionais potências europeias, por estas favorecerem a entrada de produtos das ex-colônias africanas.

Foi somente na década de 60, com o estabelecimento da política externa independente por Jânio Quadros e João Goulart que se cria a Divisão de África no Itamaraty e se apoia finalmente a autodeterminação dos povos africanos. Em 1961, por exemplo, o Brasil começa operar suas embaixadas em Acra e Tunes e abre consulados em Luanda, Moçambique, Nairobi e Salisbury. A política

independente de Quadros e Goulart foi, contudo, rapidamente paralisada com o golpe de 1964, período no qual o Brasil passa a apoiar incondicionalmente as políticas do governo de Salazar em Angola e Moçambique, votando contra a independência desses países na Assembleia das Nações Unidas.

Em 1970, os governos Médici e Geisel voltam a prestar atenção na África, e ações são tomadas para se estreitar os laços com o continente. A visita do diplomata Gibson Barboza em 1972 a nove países da África negra é um claro exemplo desse esforço oficial, que visava acima de tudo auxiliar no projeto nacional-desenvolvimentista por meio do suprimento de petróleo. Essa política pragmática em relação aos países africanos aumentou as exportações de manufaturados brasileiros e levou a instalação de algumas empresas brasileiras no continente, em particular, em Angola. A visita do presidente Figueiredo à África em 1983 reforça ainda mais a política externa no continente. Porém, vale notar que as relações com a África baseavam-se nos princípios do discurso “culturalista” para sublinhar as relações históricas que justificavam a intensificação das modernas interações. Sarney manteve as diretrizes do governo Geisel e Figueiredo, no entanto a chegada de Collor ao poder marca um período de silêncio na relação, que reascende somente no início do século XXI durante a presidência de Lula.

Os capítulos II e III, por outro lado, buscam explicar a elevação de status dos países africanos no começo do século XXI, e as consequentes alterações nas relações internacionais com o continente, em particular com as potências emergentes. Após a região ter sido praticamente excluída dos livros de Relações Internacionais e esquecida pelas grandes potências ocidentais, a África retoma seu espaço ao mostrar ao mundo o avanço gradual dos processos de democratização e o progresso das políticas de desenvolvimento econômico regional, sendo Moçambique destacado como um caso exemplar.

A alta demanda por minérios e energia das potências emergentes, em especial da China, transforma as relações dos países africanos com o Ocidente. A entrada do capital chinês na região compete com as políticas estabelecidas pelos tradicionais financiadores, como Banco Mundial e FMI, ao criar uma nova dinâmica de financiamento que aceita o pagamento com recursos naturais, sem impor condicionantes institucionais. Segundo Saraiva, a entrada da China é “o maior agente de modernização econômica do continente africano” (Saraiva 2012, p. 85). Logicamente não se pode negar a importância da participação chinesa no continente, contudo tampouco se pode sobre-estimar sua presença. O estudo realizado por Brautigam (2009), por exemplo, verifica que há uma superestimação nos cálculos feitos pela mídia internacional tanto em relação à cooperação para o desenvolvimento da China como em termos dos investimentos reais, segundo a autora, os países do Ocidente ainda representam maior parte do capital aplicado na região.

Outro avanço para a África, conforme apontado no livro, é o estabelecimento da Nova Parceria para o Desenvolvimento Africano (NEPAD) em 2001, que busca definir uma estratégia de desenvolvimento regional independente e autônoma, incorporando temas como o combate à pobreza, à fuga de cérebros, a educação e a saúde na agenda. Saraiva identifica pontos positivos na retórica do NEPAD, entretanto afirma que há de ser um otimista cauteloso ao analisar a efetividade de suas ações, que ainda foram limitadas.

Por último, vale destacar o papel posto ao Brasil nessa África renascida. Como o autor ressalta, o país possui cada vez mais projetos de cooperação técnica horizontal no continente, que conta com o apoio de empresas nacionais, como SEBRAE, EMBRAPA, FIOCRUZ, entre outros. Saraiva ainda destaca a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) como um importante instrumento para a efetivação de atividades em conjunto com os países de Língua Portuguesa.

O livro de Saraiva traz ao leitor uma visão histórica da política externa brasileira na África, com destaque na atuação do país durante o século XXI. Período esse que é mais retratado pela retórica dos discursos oficiais do governo, sem efetivamente identificar os desafios enfrentados pela diplomacia brasileira no momento de implementação de seus projetos de cooperação técnica por meio da Agência de Cooperação Brasileira (ABC). Estudos comparativos sobre os desafios brasileiros na África fazem-se, portanto, necessários para entender as especificidades dessa relação e de seus projetos em cada um dos países do continente.

Além disso, ressalta-se que seria interessante delinear mais estudos que indicassem as estratégias utilizadas pelas empresas brasileiras e os futuros desafios para aquelas que almejam entrar no novo continente, verificando a efetividade dos subsídios do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Ademais de identificar se de fato a atuação brasileira difere da chinesa, e respeita as leis trabalhistas e os padrões mínimos de governança e sustentabilidade requisitados pelos organismos internacionais. Sabe-se que esses fatores podem afetar substancialmente a visibilidade das relações Brasil- África tanto no espectro negativo quanto positivo, tudo depende em entender a forma que essa política vem sendo implementada em cada país da África.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brautigam, D. **The Dragon's Gift: The Real Story of China in Africa**. Oxford University Press, 2009.

The Economist. **Africa Rising**. Edição 3 de dezembro de 2011. Acesso em 10.03. 2012. <http://www.economist.com/printedition/2011-12-03>.

Saraiva, J.F.S. **África Parceira do Brasil Atlântico - Relações Internacionais do Brasil e da África no início do Século XXI**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2012.

Recebido em Maio de 2012
Aprovado em Junho de 2012